



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo
Memorial de projeto final em jornalismo

VIDAS NA ESCURIDÃO

Autoras: Bárbara Ferreira do Nascimento e Maryna Lacerda David Oliveira

Orientador: Sérgio Araújo de Sá

Brasília - DF

Março de 2013

BÁRBARA FERREIRA DO NASCIMENTO

MARYNA LACERDA DAVID OLIVEIRA

VIDAS NA ESCURIDÃO

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade de Brasília
como requisito parcial para obtenção do
título de bacharel em Comunicação Social
com habilitação em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá

Orientador

Prof. Msc. Hélio Doyle

Convidado

Carlos Marcelo Carvalho

Convidado

Prof. Dr. Solano Nascimento

Suplente

Brasília, ____ de ____ de 2013

Não há, ó gente, oh! Não, luar como esse do sertão

Quando vermelha no sertão desponta a lua

Dentro da alma flutua, também rubra nasce a dor

E a lua sobe e o sangue muda em claridade

E a nossa dor muda em saudade

Branca assim da mesma cor

Luiz Gonzaga

Agradecimentos

Às nossas famílias, pela dedicação em proporcionar uma boa educação ao longo de nossa vida, pelo incentivo à realização deste projeto e pelas preocupações que tiveram durante a viagem. Se hoje nos formamos, é por todo o esforço que vocês empreenderam uma vida inteira.

Ao nosso fotógrafo e fiel companheiro de aventura, Alexandre Bastos, cujas imagens nos ensinaram um outro olhar, uma nova forma de pensar jornalismo. Também por ter tolerado todos os perrengues por que passamos e ter entrado de cabeça no projeto.

Ao nosso orientador, Sérgio Araújo de Sá, pelos ensinamentos e pela disposição em nos guiar nesta empreitada. Também por ter nos estimulado, em cada reunião, a criatividade e a vontade de descobrir boas histórias, a confrontar respostas e a “entrevistar” números e dados.

À Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB) por nos ter apoiado, com estrutura e recursos financeiros, nosso produto.

Aos colegas e amigos da FAC, pela força nos momentos difíceis, ainda que também estivessem cansados pelos seus Trabalhos de Conclusão de Curso.

À Suely Carvalho, talentosa diagramadora e pessoa de uma generosidade sem fim. Mesmo atribulada de trabalho, nos cedeu um pouco de seu tempo para nos ensinar e nos ajudar a construir graficamente nossa reportagem.

Resumo

O presente projeto experimental é uma grande reportagem, em formato de revista, composta por uma matéria introdutória e quatro outras retrancas que detalham a vida dos brasileiros que vivem sem energia elétrica. Os textos trazem dados aliados a histórias humanas. A intenção é mostrar, por meio de entrevistas feitas no interior do Piauí, um dos estados apontados como em situação mais extrema no país quando o assunto é falha na distribuição energética, como vivem cerca de 3,3 milhões de pessoas que ainda não têm acesso ao serviço.

A reportagem é acompanhada por um memorial que discorre sobre o processo de produção, apuração, a viagem ao Piauí e a redação do texto, além de trazer as justificativas das decisões tomadas como, por exemplo, o porquê da escolha da grande reportagem ou os motivos que nos levaram a não utilizar, na matéria, a primeira pessoa.

Palavras-chave: energia elétrica; Piauí; grande reportagem; apuração; Luz para Todos

Sumário

1. Apresentação	7
2. Objetivo	9
3. Justificativa.....	10
3.1 Do tema.....	10
3.2 Da Grande Reportagem	10
4. Referencial Teórico	12
4.1 Liberdade	13
5. Metodologia.....	15
5.1 Do Pré-Projeto	15
5.1.1 Condições da Pesquisa	18
5.1.2 O Sertão.....	18
5.2 Da viagem	19
5.2.1 Impacto da caatinga.....	19
5.2.2 As entrevistas	20
5.2.3 Dom Inocêncio	22
5.2.4 O cansaço	22
5.3 Da produção das reportagens	22
5.3.1 A escolha de subtemas	23
5.3.2 Sem melodrama.....	24
5.3.3 Uso da terceira pessoa	25
6. Considerações finais	26
8. Referências Bibliográficas.....	27
9. Anexo	28
9.1 Orçamento.....	28

1. Apresentação

Este trabalho se propõe a mostrar a realidade de quem vive sem energia elétrica. Por meio das histórias de vida de pessoas que não têm uma geladeira para conservar alimentos ou uma lâmpada para clarear a casa à noite, procuramos ilustrar um problema que atinge pelo menos 3,3 milhões¹ de brasileiros. Para isso, visitamos quatro cidades no interior do Piauí que constam entre os dez municípios com maior número de domicílios sem energia elétrica de acordo com o Censo de 2010, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Tentamos apresentar, por meio de uma grande reportagem em formato de revista, as dificuldades e os hábitos de quem nunca teve luz em casa. Além disso, relatamos as consequências que a falta do serviço causa àqueles que, em sua maioria, estão em condições miseráveis. Em um país que espalha o discurso do crescimento econômico e da melhoria da qualidade de vida da população, encontrar exemplos como os que descobrimos revela que o processo de desenvolvimento social ainda está longe do considerado ideal.

O economista indiano Amartya Sen defende o desenvolvimento como sendo a expansão das liberdades individuais, ou seja, das condições de o indivíduo se tornar capaz de intervir nas questões sociais mais amplas, como a fome ou a falta de acesso a serviços básicos por outros cidadãos. Para Sen, quanto menos desenvolvido um país é, mais suas populações são dependentes de ajuda estatal. São, então, sujeitos socialmente passivos e menos capazes de contribuir para a retirada de outros da condição de pobreza. Em outras palavras, o teórico acredita que todos somos responsáveis pela melhoria da qualidade de vida individual.

Os fins e os meios do desenvolvimento requerem análise e exame minuciosos para uma compreensão mais plena do processo de desenvolvimento; é sem dúvida inadequado adotar como nosso objetivo básico apenas a maximização da renda ou da riqueza, que é, como observou Aristóteles, “meramente útil e em proveito de alguma coisa”. Pela mesma razão, o crescimento econômico não pode sensatamente ser considerado um fim em si mesmo. O

¹ Inicialmente, trabalhamos com o dado do IBGE de que 2,5 milhões de brasileiros não possuíam acesso a energia elétrica. Somente em dezembro de 2012, um novo levantamento feito por distribuidoras de 17 estados e divulgado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) elevou este número para 3,3 milhões. Este cálculo foi feito a partir da multiplicação do número de domicílios sem luz, 1 milhão, pela média de brasileiros por casa, 3,3, de acordo com o Censo.

desenvolvimento tem de estar relacionado sobretudo com a melhora de vida que levamos e das liberdades que desfrutamos. Expandir as liberdades que temos razão para valorizar não só tonar nossa vida mais rica e mais desimpedida, mas também permite que sejamos seres sociais mais completos, pondo em prática nossas volições, interagindo com o mundo em que vivemos e influenciando esse mundo. (SEN, 2000, p.28 e 29)

A estrutura socioeconômica brasileira é o subdesenvolvimento para Celso Furtado. Ele argumenta que nossa realidade dificilmente consegue ser mudada e resulta do papel que desempenhamos na Divisão Internacional do Trabalho. Como nação periférica, a nós nos cabe fornecer matéria-prima para os países centrais, que a beneficiarão e agregarão valor aos produtos. Assim, além de sermos pouco remunerados no comércio internacional, também pagaremos caro pelos bens industrializados de que necessitamos. A escassa acumulação de riquezas e capital que obtemos não permite que invistamos no desenvolvimento social dos cidadãos.

O que cria a diferença fundamental e dá origem à linha divisória entre desenvolvimento e subdesenvolvimento é a orientação dada à utilização do excedente engendrado pelo incremento de produtividade.

(...) Na medida em que as economias ganharam em estabilidade, a ação do Estado no plano social pôde ampliar-se. Mas como tanto a estabilidade e a expansão dessas economias dependem, fundamentalmente, das transações internacionais (...). (FURTADO, 1977, p. 26 e 35)

Tendo os conceitos citados como norte contamos os paradoxos de um país que caminha para o desenvolvimento, mas precisa vencer obstáculos como o fornecimento de serviços básicos à sua população. O acesso à energia, tão discutido nos últimos tempos, é o recorte que escolhemos para discutir as consequências que a cobertura ainda parcial daquilo que é direito garantido em Constituição causa aos indivíduos.

2. Objetivo

O dado de que existem mais de três milhões de brasileiros sem energia elétrica não é, necessariamente, novo. O número já foi publicado em reportagens de vários meios de comunicação. Utilizando do mote de que o programa Luz Para Todos, do governo federal, completa 10 anos em 2013, este trabalho tenta ir mais a fundo no tema e transformar esses números em histórias de vida por meio de uma grande reportagem.

A intenção é mostrar para o Brasil movido à energia e novas tecnologias, um Brasil ainda imerso na escuridão. A ideia é contar como essas pessoas vivem, como se informam, quais são os problemas vividos e que estratégias foram desenvolvidas para lidar com a falta da energia elétrica. Além disso, esse trabalho pretende também apontar os possíveis motivos que levam tantos brasileiros a viverem, ainda hoje, sem luz.

3. Justificativa

3.1 Do tema

O tema da falta de energia nos despertou interesse pela atualidade e pela relevância. Os recentes apagões e as falhas na distribuição e captação da energia elétrica no país têm sido tema recorrente na mídia. Mais de uma década depois de os brasileiros passarem por um longo período de racionamento do consumo da luz, questiona-se novamente se o sistema energético brasileiro será capaz de atender a demanda.

Mais do que a atualidade, no entanto, nossa principal preocupação estava em propiciar ao leitor um choque de realidade, levá-lo até pessoas a quem o apagão nunca significou nada. Com a escolha deste tema, pretendíamos mostrar como vivem as pessoas que desde que nasceram não possuem luz. Thaís de Mendonça Jorge, em seu *Manual do Foca*, explica que o papel do jornalista é fazer com que o maior número de pessoas tenham acesso a informações de relevância.

Há muito que se diz que a imprensa são os olhos da sociedade: na verdade, ele incorpora uma missão e um papel. O desafio de todo jornalista é seduzir pela importância do material que transmite, revelar aspectos desconhecidos e lutar pelo aumento do número de pessoas que têm acesso à informação relevante. (JORGE, 2008, p. 27)

3.2 Da Grande Reportagem

A escolha de um produto em formato de grande reportagem foi a alternativa encontrada para aliar dados e história de vida em um texto atraente para o leitor. Para Ana Beatriz Magno, autora da dissertação de mestrado *A Agonia da Grande Reportagem*, este tipo de texto é a melhor forma de contar histórias de vida, levando o leitor para dentro da realidade observada e vivenciada pelos repórteres e, conseqüentemente, neste caso, para dentro da realidade vivida por milhões de brasileiros.

Reportagem pode passear por vários tempos, é lenta na investigação e longa na escrita. Exige olhos de surpresa durante a apuração e esmero na escritura. Enche de lama a alma do repórter e carrega o leitor para outras terras, mostra-lhe o perfume e o fedor, as marias, os josés e os senhores, o lixo e o luxo dessas novas paisagens, retrata o real com tantas vozes e cenas que assanha a imaginação e a reflexão de quem lê. (MAGNO, 2006, p.15)

Além disso, o fato de um longo período separar a apuração e a finalização da reportagem ajudou na escolha tanto do tema, que se alarga no tempo, quanto do “gênero grande reportagem”.

Na narrativa das grandes reportagens o processo é diferente (da notícia). O caleidoscópio de fontes e temas para a elaboração de uma grande matéria provoca um alargamento nos limites do tempo e do espaço – e isso representa algo muito maior do que apenas períodos maiores para apurações e dimensões mais generosas de publicação. Significa que o tema abordado numa reportagem deve ir além da rigidez do “ontem” típica da notícia.

O jornalista terá que passear com o seu tema pelo tempo, observando o que se passou evolutivamente com o assunto. Ao final, esse passeio oferecerá ao leitor conexões entre passado e presente, necessárias para fundamentar reflexões sobre o assunto, legitimando assim a função cidadã do jornalismo: ajudar a pensar o presente a mudar o futuro. (MAGNO, 2006, p.25)

A preferência pelo gênero escrito de reportagem veio de uma afinidade das repórteres pelo texto. Ambas somos estagiárias de um jornal impresso e acreditamos que a clássica forma textual, junto às fotos, contaria, com maior detalhismo a vida dos personagens aliada às impressões dos viajantes e aos dados obtidos.

Desde antes da viagem, já sabíamos que o trabalho seria representado por meio de uma revista nos moldes da publicação já feita pela Faculdade de Comunicação, *Campus Repórter*. A intenção é seguir o conceito editorial da revista, que abriga matérias extensas e não necessariamente factuais, além de possibilidades mais livres de diagramação.

4. Referencial Teórico

Em *O mito do desenvolvimento econômico*, Celso Furtado defende que o subdesenvolvimento não é um estágio do processo de desenvolvimento econômico dos países, mas sim conjunto de características que marcam profundamente o crescimento deles. Há que se destacar que esta teoria foi desenvolvida na década de 1970 e que, passados 40 anos, o mercado internacional se reordenou. Novos atores no cenário produtivo apareceram, como os chamados BRIC's (Brasil, Rússia, Índia e China).

O próprio Brasil mudou muito, passou por mudanças de ordem produtiva, como a diversificação no fornecimento de produtos ao exterior. Já há incorporação de tecnologias em alguns setores, como aviação e a própria produção agrícola. Ainda assim, há regiões no país que ainda conservam a agricultura de subsistência e a baixa qualificação de mão-de-obra. As cidades que percorremos no interior do Piauí ainda estão, infelizmente, na década de 70 ou anterior.

Pode parecer ultrapassado falar em Divisão Internacional do Trabalho, em nações periféricas e centrais, mas se adaptarmos esse conceito para o mercado consumidor interno brasileiro, vemos que ainda há hierarquização e desigualdade regionais tão crônicas quanto as que Furtado apontou em escala macroeconômica.

Segundo o autor, nações que ocupam posições periféricas na Divisão Internacional do Trabalho (DIT), sistema econômico e de comércio internacional, são historicamente fornecedores de matéria-prima para àquelas responsáveis pela produção industrial e fornecimento de tecnologias e dificilmente deixarão de desempenhar essa “função secundária”.

O critério para definir se o papel desempenhado pelo país na DIT é relevante ou não é, entre outras definições, a remuneração do produto fornecido ao mercado internacional. Um país provedor de minério de silício, por exemplo, terá remuneração inferior àquele que comercializa placas eletrônicas produzidas a partir da matéria-prima do primeiro.

Assim sendo, quanto mais conhecimento e tecnologia agregados ao produto, mais valorizado ele será. Não à toa, essa organização da DIT dificulta a ascensão dos países periféricos ao seletivo grupo dos centrais, já que o reduzido valor obtido nas transações é insuficiente para o investimento em tecnologias mais avançadas. Entra-se, portanto, em um ciclo vicioso.

A proposta de Furtado é, então, a de que quando o país se especializa em atividades primárias (mineração, extração, agricultura), ele deixa de lucrar em produtividade e acumulação de capital, elementos que poderiam ser revertidos em crescimento econômico. Assim, as nações primário-exportadoras são condenadas a não aumentar lucros e reforçar o fosso entre centro e periferia.

Se pensarmos esses conceitos a partir da economia interna, vemos que unidades federativas como São Paulo e Rio de Janeiro equivalem às nações centrais e estados como o Piauí ocupam posições periféricas. Assim sendo, falar de um projeto de desenvolvimento econômico nacional é entender que há desigualdades regionais críticas e que é papel do Estado empreender políticas públicas que sejam capazes de reduzi-las e prover amplo acesso da população a bens e serviços.

Para Furtado, a falta de acesso a estes quesitos decorre da incapacidade de o Estado atender à população naquilo que é primordial, como investimentos em infraestrutura, como transportes, saneamento básico, fornecimento de água e energia, e em serviços, como saúde e educação.

No dia-a-dia das pessoas, isso se reverte também em distanciamento ao padrão de consumo e de vida daqueles que vivem em regiões mais ricas dentro do território nacional.

4.1 Liberdade

O desenvolvimento é, para Amartya Sen, um processo de expansão das liberdades, que são as oportunidades que o indivíduo tem para ser *agente*. Por agente, o autor define agente em *Desenvolvimento como liberdade* como sendo o papel que cada indivíduo desempenha no combate à fome coletiva e fome crônica disseminada, violação de liberdades políticas elementares e de liberdades formais básicas.

Assim, para que se alcance o desenvolvimento é preciso que se remova as principais fontes de privação de liberdade. São elas: pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas e destituição social sistemática, negligência dos serviços públicos e intolerância ou interferência excessiva de Estados repressivos.

De acordo com Sen, ainda que o mundo aparente ser mais opulento em aspectos econômicos e tecnológicos, pode-se dizer que a maioria da população é simplesmente deixada à margem de todas as “benesses”.

Às vezes, a ausência de liberdades substantivas relaciona-se diretamente com a pobreza econômica, que rouba das pessoas a

liberdade de saciar a fome, de obter uma nutrição satisfatória ou remédios para as doenças tratáveis, a oportunidade de vestir-se ou morar de modo apropriado, de ter acesso a água tratada ou saneamento básico. Em outros casos, a privação de liberdade vincula-se estritamente à carência de serviços públicos e assistência social, como por exemplo a ausência de programas epidemiológicos, de um sistema bem planejado de assistência médica e educação ou de instituições eficazes para a manutenção da paz e da ordem locais. (SEN, 2000, p.18)

O teórico defende é o rompimento do argumento de que o indivíduo é um “contemplado”, um “passivo” que apenas recebe os efeitos de programas de desenvolvimento empreendidos pelo Estado. Para Sen, este não faz mais do que a obrigação em proporcionar acesso a serviços básicos àquele. Em outras palavras, trata da responsabilização do Estado, que muitas vezes cria o discurso de “salvador” dos que estão à margem dos direitos fundamentais.

Pela antiguidade da distinção entre “paciente” e “agente”, essa concepção da economia e do processo de desenvolvimento centrada na liberdade é, em grande medida, uma visão orientada para o agente. Com oportunidades sociais adequadas, os indivíduos podem efetivamente moldar seu próprio destino e ajudar uns aos outros. Não precisam ser vistos sobretudo como beneficiários passivos de engenhosos programas de desenvolvimento. Existe, de fato, uma sólida base racional para reconhecermos o papel positivo da condição de agente livre e sustentável (...). (SEN, 2000, p.26)

5. Metodologia

5.1 Do Pré-Projeto

A ideia para o trabalho começou a ser formulada quando, em conversa com um conhecido, fiscal da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), nos despertou a atenção um comentário sobre o paradoxo de povoados isolados próximos a usinas hidrelétricas não terem acesso a energia. O enorme potencial energético do país é conhecido, bem como as dificuldades em captar e distribuir toda essa energia. O Sistema Interligado Brasileiro não chega sequer a todos os estados. Nas palavras de um dos próprios entrevistados para a matéria, o especialista em regulação da Aneel, Orlando Gomes Filho, “o problema do país não está na geração, mas na distribuição”.

A atualidade do assunto também foi um dos pontos favoráveis para a escolha do tema. As falhas do sistema energético brasileiro têm sido pauta recorrente nos grandes jornais. A ideia criou força quando, ao pesquisar sobre o programa do governo Luz para Todos, atual responsável por universalizar a energia elétrica, constatamos que o projeto completa 10 anos em 2013, o que possibilitaria um gancho à reportagem.

O primeiro passo do processo de pré-apuração da matéria foi descobrir quantos eram os brasileiros sem energia elétrica, dado fornecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Com um número significativo em mãos, a reportagem começou a nascer.

Mapear a exclusão energética no país foi o segundo passo. A ideia de viajar fazia parte dos planos desde o início. O objetivo era identificar os lugares onde o problema era maior e ir até essas cidades para acompanhar a rotina de quem vive sem luz. Os dados obtidos no IBGE mostravam um ranking com os estados e os municípios com maior número de domicílios sem energia. As informações, no entanto, se referiam a 2010, época em que o Censo foi realizado. Encontrar os dados atualizados foi um desafio maior. Com o programa Luz para Todos em funcionamento, corríamos o risco de encontrar já com energia os lugares que há três anos estavam no escuro.

À época existiam duas opções para a viagem: Roraima ou Piauí. O primeiro estado abriga Uiramutã, a cidade com mais domicílios sem energia do país segundo o Censo de 2010. Já o Piauí ocupa seis posições no ranking elaborado pelo IBGE. Com

esse foco, recorreremos inicialmente ao Ministério de Minas e Energia com o objetivo de atualizar os dados que tínhamos em mãos. Sem uma resposta rápida, a alternativa encontrada foi procurar, diretamente, os coordenadores do Luz para Todos em ambos os estados. O telefone de todos os gestores locais são divulgados pelo site do programa do governo.

As entrevistas nos mostraram que Uiramutã ainda não recebeu o programa e é iluminada por um gerador que sofre com problemas de manutenção. No sertão nordestino, o Luz para Todos já havia chegado em todas as cidades apontadas pelo ranking, mas muitos dos povoados, segundo o gestor, ainda estavam sem energia.

Inicialmente a prioridade era ir a Uiramutã. O primeiro empecilho à viagem foi o transporte. As passagens eram extremamente caras e a má condição das estradas estaduais nos impediria de, já em Boa Vista, chegar à cidade em um carro popular alugado. Na rodoviária, fomos informadas que não havia ônibus regular para a região. Além disso, o fato de a cidade ficar dentro de uma reserva indígena poderia, segundo o próprio coordenador estadual do Luz para Todos, dificultar nossa chegada ao município, caso os índios resolvessem tomar a estrada.

Diante dos vários empecilhos encontrados à ida a Roraima e considerando que, no Piauí, em razão da proximidade das cidades apontadas pelo IBGE, poderíamos visitar vários locais, optamos pela viagem ao Nordeste.

Somente nessa época também o coordenador do Luz para Todos do estado do Piauí enviou o relatório com as ligações elétricas que já haviam sido feitas e a quantidade de casas que ainda estavam sem luz, o que nos permitiu duas avaliações: algumas das cidades ainda tinham muitas casas a serem atendidas pelo programa do governo e outras já haviam recebido muito mais ligações do que havia previsto o Censo, o que mostra que, de fato, o número vai além das estatísticas oficiais.

O levantamento nos permitiu traçar uma rota. Entre as seis cidades possíveis, escolhemos àquelas que abrigavam mais casas que ainda não haviam sido atendidas pelo Luz para Todos: Capitão Gervásio Oliveira, São Lourenço do Piauí e Dom Inocêncio. Os dados enviados também nos possibilitaram incluir no trajeto a cidade de São João do Piauí que, apesar de não constar no ranking do Censo, não tinha, segundo o documento, recebido o programa do governo ainda. Como o município já fazia parte do caminho e era bem próximo da primeira cidade visitada, Capitão Gervásio Oliveira, não houve dúvidas quanto a ida.

À medida que a viagem começava a tomar forma, nos atentamos para a necessidade de um bom fotógrafo, já que não nos sentimos, ambas, com capacidades técnicas suficientes para realizar fotos noturnas, tampouco achamos que teríamos tempo para conciliar apuração e fotografia. Sendo assim, convidamos o amigo e fotógrafo Alexandre Bastos, também aluno da Faculdade de Comunicação, para nos ajudar na empreitada. Além da competência de nosso colega de curso, a presença de um homem em uma viagem de carro pelo interior do Piauí foi motivo de alívio para nossos pais e orientador. Sem ele, seríamos duas mulheres viajando durante a noite em estradas desertas e, muitas vezes, de terra.

Com o roteiro definido, passamos então para a tentativa de contato com as pessoas da cidade para descobrir se realmente havia muitos povoados sem luz, mapear as distâncias e as condições de acesso e reservar hospedagem. O contato telefônico foi difícil. Com exceção de São João do Piauí, as cidades constam pouco até mesmo no *Google* e não havia nenhum telefone de pousadas. Além disso, no local somente uma operadora de celular funciona e o sinal é bastante fraco.

A alternativa foi ligar para os únicos números a que tínhamos acesso por meio de uma pesquisa no site de busca. Sobre Capitão Gervásio Oliveira, achamos um site, 180 graus, com o número de Regis Marques, que mais tarde viria a nos ajudar a conseguir personagens espetaculares e a entender, após o primeiro impacto diante de tanta miséria, como funcionava o sertão. Marques nos reservou um quarto para dois dias na primeira cidade visitada, no hotel Cactus. Em São Lourenço do Piauí conseguimos contato com Josimar Landim, representante do portal 180 graus na cidade, e soubemos que no município não havia nenhuma pousada ou hotel. A alternativa foi reservar hospedagem em São Raimundo Nonato, a apenas 24 km de São Lourenço e uma das maiores cidades da região, onde ficamos, pela primeira vez na viagem, bem instalados.

Quanto à cidade de Dom Inocência, recorremos ao responsável pelo site *dominocencia.com*, que nos informou o telefone da “melhor pousada da região”. O pousar custaria, segundo a proprietária do local, R\$ 8 por pessoa e no lugar não havia café da manhã, água quente e, segundo palavras dela, era “muito precário”. Reservamos mesmo assim. As condições de instalação e, principalmente, as condições de acesso ao local (o carro alugado não conseguiria passar pelas estradas de areia e cheias de valas e buracos) nos levou a, posteriormente, já no Piauí, substituir Dom Inocência por Coronel José Dias, que também constava no ranking.

5.1.1 Condições da Pesquisa

Obter respostas de fontes oficiais e entrevistas com especialistas foi um dos maiores problemas durante a monografia. Como a prioridade das assessorias de imprensa são as demandas dos veículos de comunicação, conseguimos poucos retornos. As assessorias de imprensa do Ministério de Minas e Energia e da Aneel demoraram mais de um mês para responder. Os coordenadores estaduais precisaram de algumas semanas de insistência para nos conceder entrevista. A Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletrodomésticos (Eletros) afirmou que não atende estudantes, somente imprensa. Procuramos por meses um especialista em Desenvolvimento e Semi-árido, doutor pela Universidade de Brasília e nunca fomos sequer atendidas.

5.1.2 O Sertão

O modo de viver do sertanejo e a rotina sofrida de quem tem as condições de vida determinadas pela dimensão da seca são temas que inspiraram escritores e músicos ao longo da história brasileira. Com o intuito de imergir nesses valores e cultura, seguimos o conselho de nosso orientador, Sérgio Sá Resende, e buscamos referências na literatura sobre o sertão.

No livro *Um bom par e sapatos e um caderno de anotações*, Anton Tchêkhov, que descreve sua viagem a Sacalina, na Sibéria, em 1890, explica a importância de absorver todo tipo de informação sobre o local a ser visitado.

Ainda não viajei, mas, graças aos livros que agora li por necessidade, fiquei sabendo muita coisa que todos devem saber, sob pena de quarenta açoites, e que minha ignorância não me permitiu conhecer antes.
(TCHÉKHOV, 2007, p.21)

Tendo isso em vista, fizemos leitura de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramo, Sagarana, sobre o sertão mineiro de João Guimarães Rosa e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

Ainda de acordo com Tchêkhov, a pesquisa não deve se abster apenas à literatura tradicional. Deve-se ir além, procurar sobre o clima, geografia, cultura local, ir atrás de todo tipo de literatura que cite o local a ser visitado.

Procurar publicações e fazer fichas; pedir auxílio e livros emprestados; ler de tudo mas deixar de lado textos que não mencionem dados de fato. Passo o dia lendo e fazendo resumos. Na minha cabeça e no papel, nada além de Sacalina. É uma forma de demência. Mania Sachalinosa.
(TCHÉKHOV, 2007, p. 27)

Pensando nisso, preparamos todo um arsenal de músicas de compositores que cantaram o sertão, que se transformou na trilha sonora de nossa viagem. Foi

relacionando as músicas de Luiz Gonzaga, Alceu Valença, Elba Ramalho e Zé Ramalho com a viagem e com o tema proposto, é que, quase naturalmente, surgiu a ideia de utilizar trechos das músicas – sobretudo de Luiz Gonzaga, o que não deixa de ser uma sutil homenagem ao centenário do cantor - como título das matérias.

5.2 Da viagem

Reagir à indiferença. Estudar coisas que ninguém estuda; ir ver pessoalmente injustiças que ninguém vê; elogio da experiência e dos conhecimentos de primeira mão. (TCHÉKHOV, 2007, p. 24)

Nossa aventura durou nove dias, de 27 de novembro a 5 de dezembro. As datas foram escolhidas por motivos puramente financeiros. Passamos dias procurando as melhores tarifas e, ainda assim, pagamos R\$ 865,88 por ida e volta.

Embarcamos em 27 de novembro para Petrolina (PE). A cidade foi escolhida por ser mais próxima do primeiro município que nos propusemos a visitar do que nossa outra opção, a capital do estado, Teresina (PI). Petrolina fica a 250km de Capitão Gervásio Oliveira (PI). Caso desembarcássemos em Teresina, a distância seria de 500km.

Ao chegarmos na cidade, já no fim da tarde, fomos recebidas pelo proprietário da locadora de veículos, Franklin Félix. Saímos de Petrolina por volta das 17h e, por isso, fizemos a maior parte do percurso até Capitão Gervásio Oliveira à noite. A condição das estradas foi uma grata surpresa, já que esperávamos pistas cheias de buracos. Fomos surpreendidos por vias com asfalto novo e recapeado tanto em Pernambuco quanto no Piauí.

A viagem se tornou lenta e cansativa por encontrarmos muitos animais na pista. Em mais de uma semana de estrada, vimos 65 jumentos, 30 vacas e mais de duas centenas de bodes e cabras. Além disso, não havia qualquer sinalização na pista e o caminho era muito tortuoso. Quanto mais nos aproximávamos da Serra da Capivara, mais fechadas as curvas ficavam.

5.2.1 Impacto da caatinga

As condições de miséria e abandono com que nos depararíamos nos próximos dias ficou explícita assim que chegamos, às 22h, em Capitão Gervásio Oliveira. A cidade de uma rua só já havia se recolhido. Fomos devidamente (mal) instalados em um

quarto com camas de lençóis sujos e um banheiro sem porta. Há mais de doze horas sem fazer uma refeição completa, tivemos que dormir com fome, pois não havia comércio local aberto. Na manhã seguinte, percebemos que o único lugar para comer era o próprio hotel, que funcionava como restaurante – o único da cidade - em horários fixos.

A qualidade da comida servida foi um problema durante toda a viagem. Os pratos preparados com pouco tempero e muita gordura causaram indisposição nos três viajantes. A situação foi agravada pela falta de água na região. Supreendemo-nos por encontrar, no meio da praça da cidade, um poço que fornecia água cheia de cal, utilizada pelos moradores nos afazeres domésticos e no banho. Na cidade, as casas que visitamos tinham, nos quintais, ao menos duas caixas d'água para reservar o líquido tão raro naquelas paragens.

A água de beber é buscada nas barragens, mas ainda nos hotéis de cidades maiores, como São Raimundo Nonato, é amarelada e cheia de areia. Ao visitarmos a zona rural, levávamos garrafas com água mineral, mas como o calor era intenso, elas se esvaziavam rapidamente. Como não tínhamos coragem de pedir água a quem a busca, no lombo de jumentos, nos açudes que ainda não secaram, acabamos passando sede.

As primeiras impressões aliadas ao calor que chegou aos 40°C e à vegetação seca que se estendeu por todo trajeto, nos comprovaram o que afirma Euclides da Cunha, n'Os Sertões.

Então, a travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva que de uma estepe nua.

Nesta, ao menos, o viajante tem o desafogo de um horizonte largo e as perspectiva das planuras francas.

Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com folhas urticantes, com espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável (...)
(CUNHA, 2011, p. 50)

5.2.2 As entrevistas

Para conseguir ter acesso às famílias que vivem sem luz, procuramos representantes de sindicatos rurais na maioria das cidades. Somente em Capitão Gervásio Oliveira nosso contato foi o secretário de assistência social do município, Regis Marques. O mapeamento dos locais sem energia foi tarefa fácil. Vários povoados não tinham ainda recebido o programa Luz para Todos ou estavam com postes erguidos, mas sem o serviço disponível.

Percorríamos os povoados durante o dia, realizávamos as entrevistas e selecionávamos as melhores histórias para fazermos as fotos noturnas. Para isso, voltávamos no início da noite nas casas e aproveitávamos para nos aproximarmos mais dos personagens. Conhecemos, assim, um pouco mais da rotina deles.

Ficamos surpresos com o que vimos e ouvimos. Em poucos dias, conhecemos histórias de vida e tivemos experiências que serão levadas por toda a carreira jornalística. Os relatos foram ainda mais intensos do que prevíamos pelas leituras que fizemos.

Nas casas, fomos recebidos com muita hospitalidade. A forma com que as pessoas narraram suas vidas, se abriram, criando uma intimidade quase instantânea, era um reflexo da solidão em que vivem. Não houve uma casa em que não fomos convidados a retornar.

Além dos personagens, em São João do Piauí, conseguimos uma entrevista importante. Conversamos com o representante local da Eletrobras, que nos esclareceu algumas questões que haviam ficado sem resposta pelas fontes oficiais procuradas em Brasília, principalmente em relação aos motivos de a energia demorar a chegar nos povoados.

Tivemos bastante dificuldade de falar com os representantes políticos das cidades, sobretudo pelo pouco tempo que tínhamos em cada município e também porque parte da viagem foi realizada no fim de semana. Em Capitão Gervásio Oliveira chegamos a marcar uma entrevista com o prefeito, mas acabamos atolando o carro na areia e, quando conseguimos ser rebocados, já estava tarde da noite. No outro dia, o político havia viajado.

Quando chegamos a São João do Piauí, na tarde do dia 29 de novembro, procuramos direto pela prefeitura, mas as portas estavam fechadas. Ao questionarmos o dono de um comércio próximo soubemos que na cidade os órgãos públicos funcionam sem pausa para o almoço e, por isso, encerram o expediente às 14h. No dia seguinte demos prioridade as personagens, o motivo que nos levou até o local, e só conseguimos entrevistar o gestor local da Eletrobras. Já nossa visita a São Lourenço do Piauí se deu durante o fim de semana. Em Coronel José Dias acabamos ficando um único dia e também priorizamos os personagens. Já em Brasília, tentamos o contato com os políticos, mas não fomos atendidas.

5.2.3 Dom Inocêncio

Após a visita a São Lourenço do Piauí, deveríamos seguir, de acordo com o roteiro, para Dom Inocêncio. As dificuldades de acesso que descobrimos por meio de conversas com moradores da região, nos fez repensar nosso trajeto. Teríamos que enfrentar 100km de estrada de terra em péssimas condições para chegarmos ao município. De lá até a zona rural, o caminho seria ainda pior. Optamos, então, por visitar Coronel José Dias, que também constava do ranking do IBGE e possuía 52% dos domicílios da cidade sem energia elétrica.

5.2.4 O cansaço

Na metade da viagem, a rotina de percorrer cidade a cada dois dias, o calor e as condições de instalações já haviam nos exaurido física e psicologicamente. Constantemente tínhamos que nos lembrar dos bons motivos que nos levaram a viajar para conseguirmos prosseguir. Por vezes, brigamos com o corpo para levantarmos da cama.

Em Coronel José Dias, último local a ser visitado, a indisposição e o longo trajeto de volta a Petrolina que nos aguardava nos levou a fazer menos personagens do que nas demais cidades. Dos três entrevistados, somente um entrou na reportagem. Mesmo já tendo várias boas histórias em mãos, nos arrependemos por não ter passado mais tempo no município.

5.3 Da produção das reportagens

O material que coletamos durante os nove dias de viagem foi vasto: visitamos 15 famílias. De volta a Brasília, em 5 de dezembro, esperamos uma semana até partimos para a escrita do material. Queríamos deixar as experiências “assentarem” em nossas cabeças para, então, encontrarmos a melhor forma de descrevê-las. Redigir a reportagem foi menos penoso do que pensávamos. Tínhamos tanto o que contar que o texto saiu em duas semanas.

5.3.1 A escolha de subtemas

As trajetórias de vida das pessoas com quem conversamos têm peculiaridades, cada uma sente mais, em determinado aspecto, a falta da energia. As semelhanças, porém, são muitas. Não houve quem não desejasse ter energia para poder gelar a água de beber e, assim, aplacar um pouco do calor escaldante do sertão.

Para nós, a semelhança nos ajudou a construir um cenário, um ambiente sobre o qual íamos escrever. Conseguimos, de certa forma, captar o “espírito” da região que visitamos. Isso nos foi útil também na hora de organizar a distribuição dos temas ao longo das reportagens. Se enxergamos o semelhante, conseguimos, então, perceber o diferente.

Por isso, escolhemos o peculiar, o curioso como critério de entrada dos nossos personagens durante o texto. São as diferenças que ilustram o fio narrativo, que amenizam, tornam reais os dados. Saímos de Brasília rumo ao Piauí para isso, para ver o que há de interessante e, por que não dizer, de melancólico, na vida de quem não tem acesso à energia elétrica.

Diante da quantidade e da diversidade de elementos que coletamos, precisamos montar uma organização do texto por subtemas. Uma parte da seleção desses “eixos narrativos” foi feita ainda durante o trajeto para as localidades. Como íamos de carro, era bastante comum utilizarmos o tempo para discutir o que foi falado pelas fontes, o que nos permitiu verificar constantemente o que faltava em apuração e o que e como as informações podiam ser encaixadas na reportagem.

Por isso, não tivemos muitas dúvidas na hora de dividir o que cada uma escreveria quando voltamos a Brasília. Já sabíamos mais ou menos como separaríamos o que cada uma escreveria, de acordo com a afinidade com o interessante de cada personagem e, também, com a afinidade que sentimos com cada um.

Assim, aquela que se identificou mais com a dificuldade das filhas de Edineuda, de Capitão Gervásio Oliveira, para estudarem à luz de lanterna, optou por narrar a história. Outra que se impressionou com os riscos de ser picada por insetos venenosos a que a família de Luiza, de São João do Piauí, estava exposta escolheu contá-los.

Como o recorte temático da série de reportagens é econômico e social, separamos os subtemas em categorias que permeasse ambos aspectos. Temos, então, cinco desdobramentos: apresentação geral do problema, dificuldades gerais, consumo e comércio, política e lazer / comunicação. Em cada um há pelo menos dois personagens

falando sobre o assunto. Além disso, alguns personagens aparecem falando em subtemas diferentes pela riqueza das aspas.

5.3.2 Sem melodrama

Foi preocupação constante de ambas as repórteres não apelar para a dramatização excessiva no momento de descrever o dia-a-dia de quem vive sem energia. Não queríamos construir uma imagem de “coitadinhos” dos personagens, afinal, quem vive no sertão nunca será um coitado. Conforme Euclides da Cunha, em *Os Sertões*,

(...) o sertanejo é, antes de tudo, um forte. (CUNHA, 2011, p.118)

E é mesmo. A vida da população que conhecemos é de privações de toda ordem: água, comida, recursos, assistência médica, educação. Ainda assim, eles afirmam não querer deixar a terra em que moram e só desejam que “o governo olhe para o povo do sertão”, conforme disse Catarina Dias, 77 anos, moradora da localidade Lagoa do Perdido, em São João do Piauí. A verdade é que eles só desejam o que lhes é de direito.

Ao invés de pintarmos um cenário apelativo — elementos para isso não nos faltou — preferimos mostrar o que há de peculiar nos “jeitinhos” que os moradores da caatinga encontram para driblar a falta de energia. Por exemplo, podíamos ter explorado mais os perigos de queimaduras que sofrem as filhas de Edineuda Cipriana de Souza, 25 anos, da localidade Sussuarana, em Capitão Gervásio Oliveira. As meninas estudam à luz de candeiro quando as pilhas da lanterna acabam. A proximidade da fumaça e da chama aos rostos poderia trazer consequências seríssimas a elas, mas esta é a única forma de estudarem. Não é maneira ideal de fazê-lo, obviamente, mas é bonito ver a alegria com que pintam as tarefas de casa e como se divertem com os lápis de cor.

Por que, então, falarmos apenas de dor e sofrimento, se elas ficam felizes em estudar? Por isso, construímos a narrativa de forma a fazer o leitor a se indignar com a situação, claro, mas também a ver que não tratamos de um povo que só reclama e é triste. Até mesmo a mãe, seja por ignorância ou por saber que o candeiro é o recurso que têm, fica satisfeita de vê-las se dedicando aos estudos.

Desta maneira, sempre nos questionávamos quase eticamente sobre o tom que daríamos a cada personagem. Qual o direito do repórter em pintar o cenário com as cores de sua indignação sem colocar os entrevistados como “pobrezinhos”? Tivemos o cuidado de narrar, mostrar a situação de abandono em que vivem, mas também em apresentar um país completamente diferente do que vivemos. A oposição de mundos nos ajudou a manter o respeito com as vidas que conhecemos. Dessa forma, evitamos o tom de estranhamento e colocamos, em seu lugar, o de curiosidade sobre um dia-a-dia completamente diferente do nosso.

Com esse objetivo, a leitura de *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito, colaborou para encontrarmos o tom que precisávamos para a reportagem. A obra de Brito é ficcional e fala do sertão cearense, mas nos serviu para balizarmos os momentos em que precisávamos de distanciamento e os em que a proximidade com a realidade das pessoas era essencial.

Os personagens, em *Galileia*, alternam sentimentos de cinismo e de melancolia em relação à terra que revisitavam. A discrepância de cenários dentro de um mesmo sertão colabora para as visões diversas que os primos Adonias, Davi e Ismael têm daquela região.

Já para nós era a primeira vez em que pisávamos as areias do Piauí. Não tínhamos porque sentir cinismo, mas por muitas vezes fomos imersas em melancolia. Não haveria como não nos emocionarmos com as histórias em oito dias dentro de um mundo que não era o nosso. Isso não nos impediu, no entanto, em mantermos a posição de observadoras. Conservamos a posição de “estrangeiras” sem encararmos a população como pessoas de outro mundo.

5.3.3 Uso da terceira pessoa

Elegemos a terceira pessoa como a voz que conduz a narrativa, porque queríamos que o foco da reportagem fossem os personagens e não a nossa experiência como repórteres. Até por termos ficado hospedados em locais com energia, nas áreas urbanas das cidades, nossa vivência de algumas horas no escuro não era nada se comparada à de quem passou a vida sem poder acender uma lâmpada em casa.

Poderia soar como prepotência e vaidade. Nosso lugar de fala deveria ser e é o memorial do projeto final. Aqui contamos nossas dificuldades, nossos desafios e tudo o que aprendemos durante a viagem.

6. Considerações finais

A realização da grande reportagem como projeto final de graduação foi uma experiência extremamente válida para a carreira jornalística de ambas as repórteres. Pudemos sair da nossa zona de conforto e nos lançarmos ao incerto, pois, por mais que tivéssemos feito uma pré-apuração, a matéria só tomou corpo quando pisamos a caatinga. Até então, só tínhamos estatísticas e hipóteses. Na viagem, conseguimos entender melhor o assunto sobre o qual falávamos, transformamos em palavras e imagens aquilo que apenas imaginávamos existir.

A oportunidade de imersão em um mundo completamente diferente do nosso foi um aprendizado de vida e de profissão. Dificilmente teremos de novo a oportunidade de lidar tão de perto com uma realidade tão distinta. Seja pela rotina ou pela escassez de recursos nos veículos em que esperamos trabalhar, uma jornada como a que vivemos se repetirá, com sorte, não mais do que uma vez ao ano.

Essa constatação é um pesar para nós. Foi sob o sol, com sede e fome, que nos sentimos jornalistas de verdade. Em meio a dificuldades, entendemos por que escolhemos a profissão. Sentadas em tamboretas de madeira e couro de vaca nos tornamos pessoas mais sensíveis, capazes de escutar com atenção e paciência as histórias de alegrias e tristezas do povo do sertão. Com certeza, não poderíamos ter saído da universidade sem essa vivência.

8. Referências Bibliográficas

BRITO, Ronaldo Correia de. **Galileia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

FURTADO, Celso ... [et al]. **O pensamento de Celso Furtado e o Nordeste hoje**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento: Banco do Nordeste do Brasil, 2009.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAGNO, Ana Beatriz. **A agonia da reportagem: das grandes aventuras da imprensa brasileira à crise do mais fascinante dos gêneros jornalísticos: uma análise das matérias vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo**. Dissertação de Mestrado, PPGC-FAC-UnB, 2006.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Record, 2004.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TCHÉKHOV, Anton. **Um bom par de sapatos e um caderno de anotações: como fazer uma reportagem**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2007.

9. Anexo

9.1 Orçamento

A Universidade de Brasília disponibilizou R\$ 1,6 mil para que essa viagem fosse possível.

Passagens aéreas – R\$ 865,88

Aluguel do carro – R\$ 880

Gasolina – aproximadamente R\$ 450

Hospedagem – aproximadamente R\$ 480 por pessoa

Alimentação – aproximadamente R\$ 200 por pessoa

Custos com a gráfica – aproximadamente R\$ 350

Impressão do memorial – R\$ 20